

Erro 'oculto' reduz nível de reservatórios

Simulações feitas por consultoria que assessora governo mostram que reservas de água deveriam estar 11% acima do registrado

Renée Pereira

A forma acelerada como os reservatórios das hidrelétricas caíram em 2010 e 2011 levantou suspeitas sobre erros – ocultos – no sistema elétrico nacional. Simulações feitas pela PSR Consultoria, que também assessora o governo federal, mostraram que os resultados divergem dos números reais. Com base numa série de informações, que também são usadas pelo Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), chegou-se à conclusão que os reservatórios deveriam estar 11% acima do nível atual.

“Tem algum fator que não está aparecendo. A operação na vida real é maior do que a calculada”, explica o presidente da consultoria Mario Veiga. Ele diz não ter dúvida de que o modelo, usado em mais de 60 países, está correto. O que a empresa está tentando entender neste momento é o porquê da defasagem dos números. “Estamos investigando as causas e nas próximas semanas deveremos ter um diagnóstico, que será entregue ao governo federal.”

A diferença pode ser explicada por uma série de fatores. Uma delas é a desatualização dos parâmetros de algumas usinas, que teriam uma eficiência menor que a prevista pelo operador. O consultor, que participou do grupo responsável por identificar as causas do racionamento de 2001, lembra que a energia firme (a produção média das usinas) das hidrelétricas estava superestimada em 5%. “As outras causas, como questões climáticas, atraso de obras e a falta da linha de transmissão de Itaipu, não explicavam sozinhas o racionamento.”

Comparação. Desta vez, a situação não é muito diferente. A seca que atingiu várias regiões do País não está entre as piores da história e o País não cresceu tudo que estava previsto. “Ficaria mais tranquilo se tivesse ocorrido uma mega seca, o que caracterizaria um problema conjuntural. Mas estamos vendo que é um problema estrutural.”

Ele conta que outro fator que pode justificar as diferenças são as perdas no sistema de transmissão. “Em Itaipu, desde o apagão de 2009, adota-se o sistema de N-3, ou seja, com a possibilidade de cair até três linhas de uma vez. Alguns trechos podem operar de forma mais apertada.” Veiga também suspeita até das retiradas de água do Rio São Francisco para irrigação informal. “Precisamos aprender com este susto e analisar as causas do problema.” Mario Veiga faz questão de destacar que de maneira alguma as críticas se referem à forma como o sistema é operado. Apenas que há algum erro que não está sendo detectado.

No mercado, no entanto, o programa usado pelo ONS para operar o sistema elétrico brasileiro, chamado Newave, é bastante criticado. Um especialista, que atua em vários projetos de planejamento do setor mundo afora e que prefere não se identificar, diz que o programa está fora de realidade. Já foram solicitadas várias mudanças, mas há resistência por parte de alguns poucos integrantes do governo. O programa usado pelo ONS simula as condições dos reservatórios com base em duas mil séries e ajuda a planejar a operação. O Newave também faz parte do processo que determina o preço da energia no mercado à vista, semanalmente.

◆ **Dúvidas**

◆ **MARIO VEIGA**
PRESIDENTE DA PSR CONSULTORIA

◆ “Tem algum fator que não está aparecendo.”
◆ A operação na vida real é maior do que a calculada.”

“Estamos investigando as causas e nas próximas semanas deveremos ter um diagnóstico, que será entregue ao governo federal.”

NAS MÃOS DE SÃO PEDRO

● Apesar dos avanços, o sistema brasileiro está mais vulnerável as condições climáticas

SISTEMA NACIONAL

